

POIESIS



Como fruto das discussões sobre as configurações científicas da contempo-raneidade, promovidas no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Cláudia Moreira e Paulo Dourian, doutorandos do Programa, escreveram duas reflexões poéticas. Foram inspirados e estimulados pela discussão promovida sobre o tema.

A VIDA DA PEDRA

Cláudia Ingrid C. P. Moreira

“A história da nossa espécie tem no corpo um lugar privilegiado da lembrança da história de outros corpos não humanos”.

Edgar Carvalho

Noutro dia qualquer ao sentar-me para conversar com amigos e discorrermos a respeito das questões do mundo entramos numa discussão quase filosófica sobre o que seria a vida. Conversas desse tipo sempre chegam a momentos inesperados, encruzilhadas instigantes.

Teria vida uma simples pedra? Ficamos a saborear todas as possibilidades entre concordâncias e momentos de não sintonia argumentando a partir de todas as formas de vida que tínhamos conhecimento. Em um dado momento, um dos amigos, biólogo, diz: pedra também cresce.

Passamos a pensar sobre a natureza, entre a relação entre o vivo e o não vivo e as finas relações entre esses grupos de elementos. Onde começa o nosso corpo e onde termina? O quanto de elementos considerados não vivos e distintos de nós temos dentro de nossa

constituição? A ciência como a vida pode ser muito mais complexa do que nos é mostrado. Essa discussão é feita também em *A consciência do corpo nos humanos* (ALMEIDA, 2012).

Por tempos foi entendido que nossas vivências e as interferências externas criam gavetas de registro em nossa memória e que acionamos esses compartimentos a todo momento que precisamos visitar o passado. Hoje, a neurociência se aproxima da ideia que as lembranças são reconstruídas todas as vezes que precisamos encontrá-las. Como se o que conhecêssemos do passado, a cada volta, fosse modificado em suas reconstruções. O conhecimento pode ser bastante volátil, incerto e é esse o prazer de percorrer todas as ditas áreas do conhecimento. Não há limite que as separe. O homem é bicho, ser social, vida, ciência, prótese.

O homem contemporâneo é aquele que está à frente de seu tempo, mas sem se desligar do lugar de onde fala (AGAMBEN, 2009). Nesse texto a associação a partir da arte com Picasso e Duchamp é inevitável. Esses foram artistas responsáveis por uma mudança, em tempos distintos, de se enxergar quase que a totalidade da arte ocidental. Quando Picasso estuda as três dimensões da matéria e as representa em apenas um plano, isso está além do que a arte poderia esperar e que os homens de seu tempo poderiam imaginar. Duchamp extrapola os limites da manipulação plástica fundamental das artes até então e cria o conceito na arte, a apropriação do objeto e sua ressignificação. Se voltássemos ainda mais no tempo e revisitássemos Da Vinci, veríamos que arte, matemática, medicina, engenharia estão tão juntas, que não se pode notar separação alguma. Na essência os corpos se igualam, se entrelaçam em uma unidade natural.

Nós somos capazes de fragmentar o infragmentável, destruir caminhos firmados em busca de uma ciência que enxerga a vida de maneira dissociada. No decorrer da história, enquanto cada vez mais a ciência se afasta da arte, mais a arte se aproxima dela. Não pelo método ou em busca da forma de ser, mas para de seus recursos utilizar. A arte pode ser tudo, falar de tudo estar em qualquer lugar. A vejo como uma trepadeira, dessas que se ramificam em árvores já ambientadas, mas sem perder sua essência, nutrindo-se do que lhe convém, sem limites. Não ter limites. O conhecimento não tem limites, assim como a vida, intercruza, toca, atravessa, contorna, desenha sobre todas as possibilidades ou qualquer divisão em área e subáreas que possamos criar.

Edgar Morin, em *Amor, Poesia, Sabedoria*, diz que:

Qualquer que seja a cultura, o ser humano produz duas linguagens a partir de sua língua: uma, racional empírica, prática, técnica; outra, simbólica, mítica, mágica. A primeira tende a precisar, denotar, definir, apoia-se sobre a lógica e ensaia objetivar o que ela mesma expressa. A segunda utiliza mais conotação, a analogia, a metáfora, ou seja, esse halo de significações que circula cada palavra, cada enunciado e que ensaia traduzir a verdade da subjetividade. (MORIN, 1988, p. 35).

As duas linguagens apontadas por Morin desenham dois tipos de linguagens do humano, uma mais ligada ao sensível e outra aproximada da racionalização da existência das coisas. Essas duas linguagens conversam entre si e relacionam o empírico com o prático, o onírico com a lógica, num “diálogo entre ciência e poesia” (p. 42). Há mais sensibilidade na ciência do que nós queremos perceber, problemas filosóficos iniciais são tratados pela ciência todos os dias. É sensível a ciência pensar a respeito da morte, do destino, do sentido da existência, das relações entre espaço e tempo relativas ao viver e ao homem.

Vivemos dentro da organização do caos, onde tudo parece desordenado, acontecendo em efeitos aleatórios, onde as mudanças podem acontecer a qualquer momento e a ciência estaria em perfeito funcionamento como uma máquina a decifrar os mistérios do universo. Mas o que parece nem sempre é a realidade. A natureza funciona num caos organizado onde tudo se relaciona de maneira esquizofrênica e mesmo assim em sintonia.

Pensando a ciência e o homem a partir do que já foi mostrado aqui e ao ler Edgar Morin, Rupert Sheldrake, Isabelle Stengers, entre outros autores, chegamos na prerrogativa de que é necessário a dissolução do homem na natureza, e seu entendimento como parte dela, de forma sensível e também racional, que seja um nômade nos conhecimentos, nas experiências, nas vivências, na ciência. A ideia é integrar.

Em *Uma astronomia das constelações culturais*, Almeida ainda coloca ao discutir Lévi-Strauss:

Do conjunto das construções argumentativas de Claude Lévi-Strauss – que inclui o estudo dos mitos, da linguagem do parentesco e da alimentação, das regras de interdição do incesto, das leis universais de construção das sociedades, e da linguagem e papel da arte e da estética na cultura – se sobressaem, certamente, suas formulações acerca da reabilitação de uma *ciência primeira*, próxima de uma lógica do sensível. (ALMEIDA, 2017, p. 123)

Volto à pedra. E pensando na essência da matéria, percebo, a pedra vive.¹

¹ Algumas referências que estimularam essa reflexão: AGAMBEN, Giorgio. **O Que É O Contemporâneo**. In. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*; Chapecó: Argos, 2009. ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências Da Complexidade E Educação**. Razão apaixonada e politização do pensamento. Natal: EDUFRRN, 2012. ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis. **Cultura E Pensamento Complexo**. Natal: EDUFRRN, 2009. MORIN, Edgar. **Amor, Poesia E Sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. SHELDRAKE, Rupert. **Ciência Sem Dogmas: a nova revolução científica e o fim do paradigma realista**. São Paulo: Cultrix, 2014. STENGERS, Isabelle. **No Tempo Das Catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

POR UM NOVO MUNDO QUE HÁ DE VIR

Paulo Dourian Pereira de Carvalho

O que dizer quando tudo parece ter sido já dito? Quando já não há mais tempo para dizer? Quando nos tornamos escravos de certo dizer, de certo Tempo, de um certo fazer? As estratégias são as mais variadas. Cada um de nós desenvolve aquela que mais lhe apraz. Jean-Jacques Rousseau (1986) caminhou e meditou ao fim da vida. Errante, inconformado com uma realidade que sentia como assombrosa, viveu uma completa desidentificação com tudo que o cercava. Estava cansado da mesquinhez de uma sociedade hipócrita e medíocre.

Quem há que, nem que seja por alguns minutos, não se sente um estrangeiro, neste nosso Tempo que se esfriou. Como não notar esse arrefecimento do sentir! Perguntas insistentes perseguem como sombras nitzscheanas (NIETZSCHE, 2007). Onde está a emoção? A paixão? O fogo que nos consome por dentro e transborda no papel? Onde está o amor? A liberdade?

Parece que a Razão devora tudo o que cheira a sentimento! Aprisiona a sensibilidade! A Ciência sufoca! Deixem-nos respirar! Por favor! Permitam-nos caminhar pelas florestas inexploradas da desrazão. Vagar pelos fios de cabelo das loucuras mais poéticas e ousadas. Deixem que a poesia grite por cada célula do nosso corpo tão sobrecarregado, tão cansado.

Não! É tudo igual! Há Método! Há Formas inflexíveis. Absolutismos intelectuais. Prisões epistêmicas. Mataram a criatividade! As instituições se tornaram escolas de silêncios. O Homem, máquina! Mulher, fábrica! Produzir! Produzir! São os Tempos Modernos

na Academia! Da liberdade do Capital, do desempenho atroz. Somos livres para nos violentar à vontade, sem compaixão. Que se dane a ética! O que importa agora é vencer a qualquer custo. Quem ficou para traz é por que não teve mérito suficiente. Fracassados! Inúteis! Cadáveres!

Um holocausto cognitivo! O mundo do cálculo! Desencantado! Sem amor! Sem afetos! Rodeado por hipocrisias, inveja, rivalidades, competição! Caos!Caos! Caos!

O temperamento racional, austero comedido de Elinor Dashwood do romance *Razão e Sensibilidade*, de Jane Austen (2012) diz muito sobre o nosso Tempo. Onde está a doce Marianne, de Austen? Para onde foi banida a sua emoção? Para onde levaram os pássaros? Ora, é primavera! O que importa? É preciso produzir! A lua e o sol brilham todos os dias, mas é preciso produzir! Há estrelas no céu, mas é preciso produzir! Criar é proibido?

Por que querem nos privar da beleza da filosofia dos nossos escritos? É preciso ser objetivo! Não há lugar para a sensibilidade, para a poesia! Por que roubar a vida dos textos? A Academia, às vezes, cheira à morte. E costuma deixar corpos invisibilizados, cadáveres vitimados por um serial killer contemporâneo: o LATTES! Que está à solta e continua ceifando vidas de centenas de jovens, roubando a saúde de muitos deles, as noites de sono, sorrisos, amigos, sonhos, fantasias, alegria, diversão... Os jovens universitários não podem mais se divertir, pois é preciso produzir! É sempre tarde! Não há mais tempo! Não temos mais “todo o tempo do mundo”, Renato! Roubam-nos a seiva da vida!

Tenho lido sobre velhice nos últimos tempos. Uma das imagens que tenho apreendido é de o quanto ela pode ser bela,

leve, alegre, doce... Diferente do que muitos pensam, há muita vida no envelhecimento. Não só um lugar de morte, decrepitude, degeneração... Ora, tais males existem em todas as idades. Há jovens de almas tão mortas.

Estudar sobre velhice fez-me repensar a minha vida. Tudo de mim! É inevitável não me deparar com o fenômeno da morte. O campo de pesquisa tem muitos aromas, o desespero e silêncio frente à finitude são só alguns deles. Mas fortes o suficiente para me fazerem perceber o quanto o nosso tempo é valioso. E, sobretudo, a nossa Liberdade!

Liberdade! Talvez uma das palavras mais belas já escritas. Mais do que isso! O ideal! Aquilo pelo que nós, cientistas sociais, ativistas, antropólogos, cientistas políticos... Tantos de nós, ontem e hoje buscamos, de modo incansável. Lutamos por isso! Mas sabemos o que isso significa? Somos livres? Deixamos “o outro” que está perto de nós, nossos amigos, colegas, orientandos, livres? Livres para voar, criar, profanar o que aí está posto. Sim! Pois a Ciência tornou-se um lugar reservado a deuses, cabe-nos devolvê-la ao uso comum. Trazê-la ao chão, para que deixe de falar a língua de anjos e passe a usar as palavras dos homens, das mulheres...

Existe uma analogia em que se aproxima a velhice da estação invernal, o estereótipo do envelhecimento solitário e triste. Ora, não estaria a Academia, e as suas normas e métodos rígidos muito mais presos a um inverso rigoroso. Um lugar marcado pela frieza dos corações. Que nos faz habitar em desertos... Pelo individualismo na sua forma mais cruel. “As pessoas se olham e nem se falam”, diz Criolo (2006). Às vezes elas sequer se veem.

É como se o céu estivesse fechado e tudo fosse cinza. Faz tudo doer, sobretudo a nossa sensibilidade. Um gelo que vem de fora e nos

petrifica por dentro. Não há mais pensamentos coloridos. Nossos jardins se congelam, todo o calor se despede, impera um silêncio, aridez, desertificação, crianças não podem mais brincar no campo...

Não! Não está certo! Nós que tanto lutamos por combater a religião do desespero não podemos admitir que ela se infiltre nas nossas práticas cotidianas. Que borre os nossos afetos. Não venderemos as cores do nosso arco-íris... Recusaremos a sociedade da disciplina e do desempenho, pois nenhum deles é suficiente para suportar nossos sonhos, ao contrário, fazem emergir o Homo como um animal *laborans*, cansado, exausto, insone, autodestrutivo, adoecido...

Até quando seremos escravos de nós mesmos? Os responsáveis por enjaular o conhecimento? Os arautos da fragmentação? Não! Recuso-me a extirpar a poesia da minha escrita. Rejeito o uso da 3ª pessoa como sinal de uma pretensa neutralidade. Transcendo os desencantamentos do mundo. Para mim, nada mais é suficiente do que uma ciência séria, mas regada de poesia, afetos, humildade. A frieza de conceitos estritamente objetivos não dá conta de uma realidade dinâmica e viva.

Quero a escrita dramática. Com aromas, odores, felicidades, sofrimentos. De cores que subvertam o branco da folha. Quero a mistura! A umbanda dos saberes! Para que não nos rendamos ao tempo da normose, da velocidade, do capital, da indiferença, da fragmentação que nos cega para a beleza do detalhe. Retira a nossa capacidade de se impressionar com os fenômenos mais simples. Não poderemos viver bem em um mundo de destroços. Nós, tão acostumados a trazer “luz” ao mundo, seremos também responsáveis por levar a nós mesmos à pior das trevas?

Padecemos de certezas e tememos a dúvida. Ora, por que temer a contradição se somos seres essencialmente contraditórios? A soberania da dúvida e da incerteza não é menos assustadora de que um mundo de exatidões? Vazios infinitos não me causam medo, mas becos sem saída me apavoram. A dúvida pode ser sinônimo de liberdade. Um devir constante. Pois deixa espaço para o novo, para o mistério do que ainda não é, mas está em gestação.

Façamos como Nietzsche (2007), Dostoievski (2011) e tantos outros... Interroguemos as sombras. Nossos demônios! Perscrutemos os sons inaudíveis, os silêncios sonoros da nossa alma. Sejamos “o contemporâneo”, de Agamben (2009), para capturarmos o inapreensível, profanarmos os enquadramentos.

Tenhamos a coragem de ensaiar uma nova política, novas formas de vínculo, novas liberdades que nos permitam novos usos. Profanemos o Tempo, o Método, a Ciência através de uma escrita e posturas frente ao mundo mais livres e subversivas. Vamos explorar a razão da irracionalidade, as (in) coerências da loucura, os abismos!

Profanar o improfanável é um dever político de nossa geração, diz Agamben (2015). Para tanto, sejamos cientistas crianças. Que a frieza das burocracias institucionais não roubem o riso dos nossos rostos nos confinando à seriedade dos ditadores. É necessária a abertura para o novo. Seguir sempre as normas não me parece ser um ato revolucionário.

O que tanto assusta na irracionalidade? Na desordem? Se os domínios da desrazão podem nos levar a estradas jamais exploradas, onde reinam a magia e a fantasia... Por vezes parecemos reproduzir a guerra às drogas quando combatemos insistentemente a sensibilidade,

a loucura e as paixões. É paradoxal! Lutamos pela liberação dos prazeres e dos sentidos, das sexualidades e dos gêneros, mas aprisionamos o sentir... A profanação é urgente!

Proclamo o direito a uma ciência profana! Que se mistura ao mundo, ao chão... Que tem cheiro de capim, é vento, mar, noite... Que não se confina em métodos petrificados ou camisas de força... Anseio por saberes com sangue, construídos por palavras que choram... Conhecimento feito de carne, suor, sofrimentos e vida. Profanar a ciência não é só abolir as separações, mas subvertê-las, brincar com elas, parodiá-las, rir delas...

Se vivemos em tempos de escuridão é preciso aprender a linguagem das sombras. Ser contemporâneo é fazer do medo e da incerteza ferramentas para contornar obstáculos. Furtar-se à luz incessante que encandeia a maioria, é habitar o inominável, o escuro repleto de sabedoria esquecida, usurpada, desprezada...

Como nos ensina Morin (2001), o homem atual está fraturado em pedaços que não se juntam. Seu corpo e seus pensamentos lhe fogem. Ele separou a cultura científica e humanística, tornando sujeito e objeto estranhos entre si. Este homem cindido não integra, não junta, está impossibilitado de estabelecer uma democracia cognitiva. O mundo grita por transformação!

Por isso, que a loucura seja resignificada e a contradição, abraçada. Que venha um pensamento selvagem, louco, rebelde, livre. A loucura nos permite acessar zonas jamais alcançadas pelos homens de razão. Precisamos libertar da camisa de força o *homo demens* Reconhecer que a razão não é suficiente para compreendermos a realidade. Precisamos da desrazão, fruto do amor selvagem, da desmedida, do excesso, do transbordamento e da transgressão.

A loucura para os homens pode funcionar como “um veneno antimonotonia” do pensamento. Levando a uma ciência mais ousada, deslocada, múltipla, que não se fixa. Talvez uma ciência rebelde, um pensamento vivo, que não para de se mover para todas as direções.

A loucura foi historicamente tratada com desconfiança devido à sua aproximação com a desordem e o desregramento. Por isso tentaram de todas as formas policiá-la, fazê-la voltar à ordem ou curá-la. Ela é ameaçadora e ameaça a ordem, aí está um dos seus maiores potenciais, é por isso que aposto tanto nela.

Anseio por um saber volátil, cujos limites são tão definidos quanto aqueles que orientam a nossa imaginação.

Reduzir a imaginação ao mundo de ilusões faz com que a realidade se fixe em matéria, no orgânico e tangível, se distanciando daquilo que é considerado irreal e inexistente. Tim Ingold (2012) alerta que as fronteiras entre a mente e o mundo material são sempre provisórias e inseguras. O Fato de algo existir na mente e na imaginação não significa que a sua realidade é menor, pelo contrário, pois mesmo a mera ideia tem agência e efeitos reais na vida das pessoas, mesmo que não possua uma forma concreta no mundo material.

Para escapar do mundo da frieza, objetivista e calculista precisamos caminhar por espaços ainda não disciplinados. Fugir daquilo que nos aprisiona é necessário para descobrirmos aquilo que estava escondido nas rotas imprevistas. Ingold (2012) diz que imaginar é um processo de abertura e não de fechamento, produz começos, nos leva a um caminhar livre de dogmatismos e aprisionamentos, a uma doce loucura cognitiva.

Pensar nestes termos, me leva a refletir sobre uma ciência que privilegia a imaginação e a liberdade. Algo que não se deixa fixar

em formas estáticas. Como um caminhar que não tem estilo definido, mas formas múltiplas que se criam e recriam no movimento. Um fazer livre de tudo que engesse e defina. Pois a própria definição é outra forma de matar, limitar, essencializar.

Ingold (2012, pensando a antropologia, preocupa-se com os processos de transformações e fluxos. Daí a importância de se pensar a antropologia enquanto coisa e não objeto. Isto é, como algo que não está consumado ou congelado. É antes um “acontecer” e não um “acontecido”. Assemelha-se a um emaranhado de fios que se entrelaçam, ao que nunca termina, e sempre transborda, vaza pela superfície e pelos lados. As coisas se movimentam por que elas têm vida, não são objetos, mas materiais em fluxo.

É preciso não temer se misturar às coisas, deixar-se vazar e ser contaminado por outros sabores, cheiros e olhares. Isso é interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, conexão de saberes, liberdade de pensamento. Uma viagem rumo ao desconhecido, que ao mesmo tempo em que provoca medo, também traz fascínio, mistério e prazer. Os riscos valem a pena para um Novo Mundo que há de vir.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Editora Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Boitempo Editorial, 2015.
- AUSTEN, Jane. **Razão e sensibilidade**. Editora Companhia das Letras, 2012.
- DOIDO, Criolo. **Ainda há tempo**. SkyBlue Music, SKY, v. 5273, p. 1, 2006.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor; FANTÁSTICA, A. Dócil–Narrativa. **O sonho de um homem ridículo. Duas narrativas fantásticas**. Tradução de Vadim Nikitin. São Paulo: Editora, v. 34, 2011.
- ELLER, Cássia. **Veneno antimonotonia**. Polygram, 1997.
- INGOLD, Tim. **Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem**. Steil CA, Carvalho ICM, organizadores. Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Editora Terceiro Nome, p. 15-29, 2012.
- INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes antropológicos, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**; tradução Edgar de Assis Carvalho.-. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O viajante e sua sombra**. Tradução de Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, p. 70, 2007.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques; MORETTO, Fúlvia Maria Luiza. **Os devaneios do caminhante solitário**. Hucitec, 1986.
- RUSSO, Renato. **Tempo perdido**. Rio de Janeiro: EMI, v. 1, 1986.